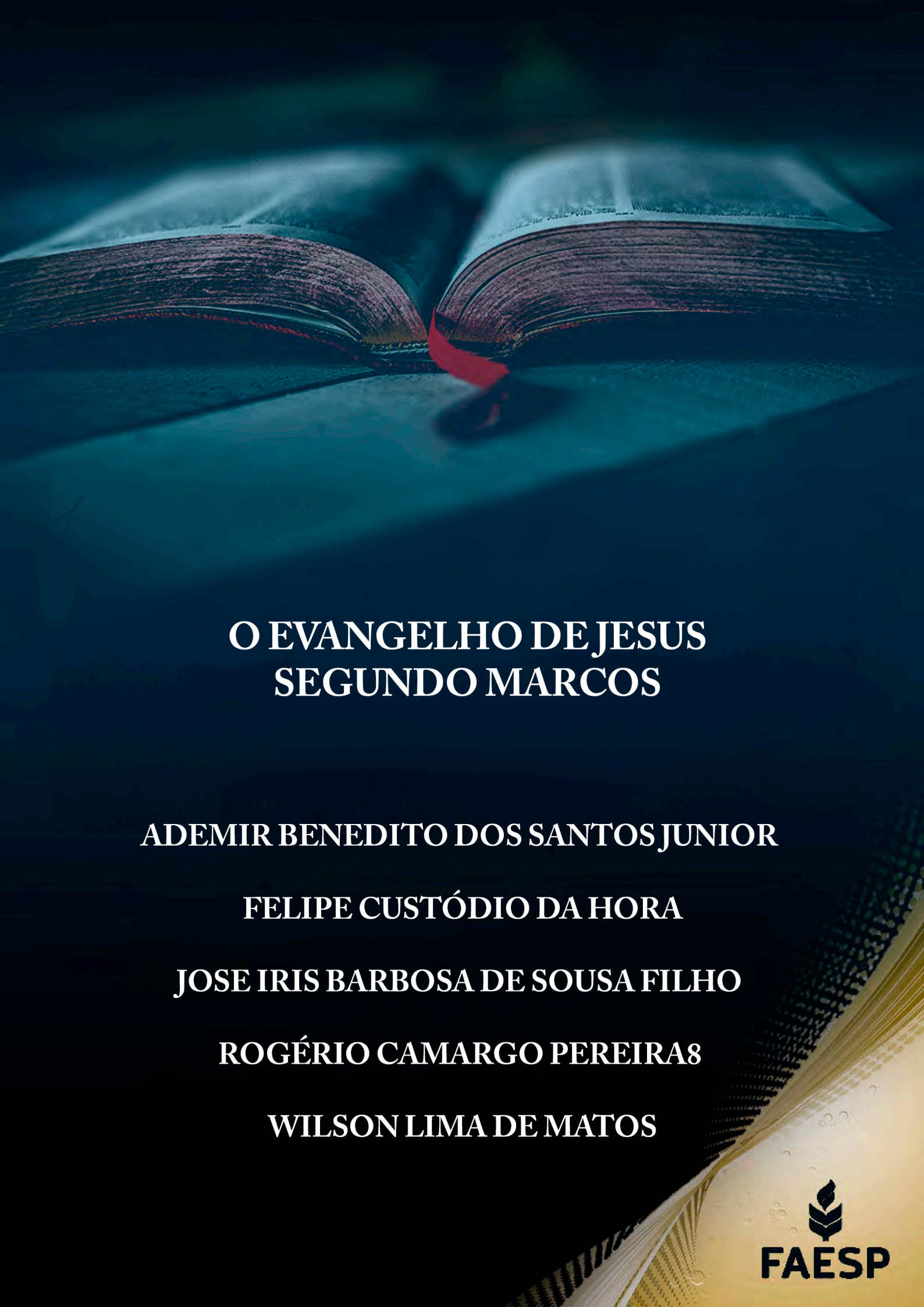




O EVANGELHO DE JESUS SEGUNDO MARCOS

ADEMIR BENEDITO DOS SANTOS JUNIOR

FELIPE CUSTÓDIO DA HORA

JOSE IRIS BARBOSA DE SOUSA FILHO

ROGÉRIO CAMARGO PEREIRA⁸

WILSON LIMA DE MATOS

O EVANGELHO DE JESUS SEGUNDO MARCOS

*Ademir Benedito dos Santos Junior*¹

*Felipe Custódio Da Hora*²

*Jose Iris Barbosa De Sousa Filho*³

*Rogério Camargo Pereira*⁴

*Wilson Lima De Matos*⁵

RESUMO

Esta pesquisa situa-se no campo da Teologia Bíblica, com o objetivo de analisar a representação teológica singular de Jesus Cristo no Evangelho de Marcos. O objetivo principal é identificar o conceito do Messias Servo Sofredor, explorando a tensão dialética entre autoridade e sofrimento, por meio da análise conjunta das leituras cristológicas de Roy B. Zuck (via Lowery) e I. Howard Marshall. O estudo emprega uma metodologia qualitativa e bibliográfica, fundamentada na análise exegética do texto de Marcos. Os resultados da investigação demonstram que a cristologia de Marcos é paradoxal: estabelece o Messias como detentor do poder (Filho do Homem com autoridade para perdoar) e, simultaneamente, o define indissolivelmente pelo caminho do sacrifício e da cruz. A comparação entre os

1 Ademir Benedito dos Santos Junior é professor nos cursos de Graduação em Teologia e no curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Evangélica de São Paulo. Doutorando em Educação é Mestre em Psicologia Educacional, Pós-graduado em Formação de Professores para o Ensino Superior, em Formação em Educação a Distância e em História, Sociedade e Cultura. Sua formação de nível superior inclui Bacharelado em Teologia e em História, e Licenciatura em Pedagogia, Geografia, História, Filosofia, Sociologia e Empreendedorismo. E-mail: prof.ademirsantosjr@faculadefaespp.edu.br.

2 Felipe Custódio da Hora possui especialização em Gestão Financeira e controladoria, é Tecnólogo em Gestão Comercial e atualmente é graduando em Bacharel em Teologia.

3 Jose Iris Barbosa De Sousa Filho graduando em Bacharel em Teologia.

4 Rogério Camargo Pereira graduando em Bacharel em Teologia.

5 Wilson Lima De Matos graduando em Bacharel em Teologia.



autores revelou que o Segredo Messiânico (Marshall) e a estrutura tridimensional do Filho do Homem (Zuck/Lowery) convergem na redefinição da messianidade por meio da humilhação. A contribuição final do artigo é destacar que essa teologia estabelece um modelo de discipulado.

Palavras-chave: Cristologia de Marcos; Messias Sofredor; Filho de Deus.

ABSTRACT

This research is situated in the field of Biblical Theology, aiming to analyze the unique theological representation of Jesus Christ in the Gospel of Mark. The main objective is to identify the concept of the Suffering Servant Messiah, exploring the dialectical tension between authority and suffering, through the analytical confrontation of the Christological readings of Roy B. Zuck (via Lowery) and I. Howard Marshall. The study employs a qualitative and bibliographic methodology, grounded in the exegetical analysis of the Markan text. The investigation's results demonstrate that Mark's Christology is paradoxical: it establishes the Messiah as the holder of power (Son of Man with authority to forgive) and, simultaneously, defines Him inseparably by the path of sacrifice and the cross. The comparison between the authors revealed that the Messianic Secret (Marshall) and the three-dimensional structure of the Son of Man (Zuck/Lowery) converge in redefining messiahship through humiliation. The final contribution of the article is to highlight that this theology establishes a model of discipleship based on service and renunciation, challenging triumphalist expectations and reaffirming that redemptive power is fully manifested in sacrificial self-giving.

Keyword: Christology of Mark; Suffering Messiah; Son of God;

INTRODUÇÃO

O estudo da Teologia Bíblica é essencial para a compreensão da unidade e da progressão da revelação divina, atuando como uma ponte entre a história redentiva do Antigo Testamento e o seu cumprimento em Jesus Cristo, conforme registrado no Novo Testamento. Esta disciplina, que valoriza o desenvolvimento histórico e a coerência interna da Escritura, tem sido moldada pelas valiosas contribuições de diversos autores, como Zuck, Merrill, Kaiser, e Marshall, que buscam traçar o fio condutor da promessa de Deus ao longo de todo o cânon bíblico.

Este artigo se insere nesse contexto de pesquisa, buscando contribuir para o entendimento da Teologia Bíblica do Novo Testamento por meio de uma análise comparativa e aprofundada da Cristologia do Evangelho de Marcos. O Evangelho Marciano, notável por sua concisão e dinamismo, oferece um retrato singular de Jesus, cuja identidade de Messias e Filho de Deus é paradoxalmente revelada no caminho do serviço e do sofrimento.

Para alcançar este objetivo, o estudo fará um diálogo direto com duas obras fundamentais na área: a Teologia do Novo Testamento de Roy B. Zuck e a obra homônima de I. Howard Marshall. Analisaremos como cada autor interpreta as categorias centrais de Marcos, com foco especial no significado da expressão “Filho do Homem” e na ênfase marcana no sacrifício de Jesus. Enquanto Zuck, por meio da análise de Lowery, detalha as três dimensões, autoridade, sofrimento e glória do Filho do Homem, Marshall ressalta a progressividade da revelação messiânica, vinculando-a inseparavelmente ao mistério da cruz.



Assim, a presente investigação se estrutura para, inicialmente, revisar o Referencial Teórico da Teologia Bíblica, delimitando seu conceito e sua distinção da Teologia Sistemática. Em seguida, o foco se voltará para a seção principal, que é a confrontação analítica das leituras de Zuck e Marshall sobre a Cristologia de Marcos. Esperamos, com isso, não apenas sintetizar as visões destes importantes teólogos, mas também sublinhar a complexidade e a profundidade do retrato de Jesus como o Servo sofredor e Filho de Deus que fundamenta a fé cristã.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo da teologia bíblica tem recebido contribuições significativas de diferentes autores que, a partir de perspectivas variadas, buscam compreender a unidade e a progressão da revelação. Zuck (2009; 2016), em sua *Teologia do Novo Testamento*, Merrill (2009) apresenta uma análise panorâmica dos escritos neotestamentários, ressaltando a centralidade de Cristo e a progressividade da revelação. Merrill (2009), por sua vez, em *Teologia do Antigo Testamento*, evidencia a importância da aliança e da promessa como eixos estruturantes da história redentiva. De forma complementar, Kaiser (2011), em sua obra, *O plano da promessa de Deus*, propõe uma abordagem que conecta Antigo e Novo Testamentos, destacando a continuidade da promessa divina como fio condutor da Escritura.

Na tradição clássica, Von Rad (2006) e Jeremias (2008) se destacam ao apresentar leituras teológicas que influenciaram gerações: o primeiro pela ênfase na história

da salvação e o segundo por uma sistematização da teologia do Novo Testamento a partir dos ensinamentos de Jesus e da comunidade primitiva. Marshall (2007) segue a mesma direção ao organizar os temas centrais do Novo Testamento com atenção ao contexto histórico e teológico dos escritos.

Outras contribuições importantes podem ser vistas em Alexander e Rosner (2009), no *Novo Dicionário de Teologia Bíblica*, que reúne múltiplas abordagens e categorias temáticas; em Gundry (1998), que apresenta um panorama histórico e literário do Novo Testamento; e em Richards (2008), que auxilia a compreensão do contexto histórico-cultural dos escritos apostólicos. Bruce (2010), por sua vez, reforça a confiabilidade histórica dos documentos neotestamentários, aspecto essencial para a fundamentação da teologia bíblica.

Ainda, Vos (2010) é considerado um dos pioneiros ao estabelecer a teologia bíblica como disciplina autônoma, propondo uma leitura que valoriza a progressão histórica da revelação. Zuck (1994), em sua obra, *A interpretação bíblica*, contribui para a hermenêutica, oferecendo instrumentos para a correta compreensão do texto.

1.1 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura é uma etapa essencial da pesquisa científica, pois situa o trabalho do pesquisador no contexto das produções já existentes e permite identificar lacunas a serem exploradas (APOLINÁRIO, 2011). Mais do que um levantamento de fontes, constitui uma análise crítica das obras, possibilitando a construção de um referencial



teórico sólido e atualizado (KÖCHE, 2011; LAKATOS; MARCONI, 2003). Além de orientar a fundamentação teórica, a revisão também contribui para o planejamento metodológico, ajudando a delimitar o objeto de estudo e a escolher as melhores abordagens (PRODANOV; FREITAS, 2013; SEVERINO, 2013).

Esse processo deve ser contínuo e realizado de forma crítica, com seleção criteriosa das fontes e abertura a diferentes perspectivas, ampliando a compreensão do pesquisador (DEMO, 1985). No campo da teologia, Osborne (2009) ressalta que obras voltadas ao Antigo e ao Novo Testamento, bem como estudos sobre usos e costumes do período bíblico, são ferramentas indispensáveis para a interpretação do texto, oferecendo tanto fundamentos históricos quanto apoio exegético.

1.2 CONCEITO DE TEOLOGIA BÍBLICA

Conforme argumenta Zuck (2009), a teologia bíblica é um ramo de estudo que busca compreender a revelação progressiva de Deus, conforme ela se desenrola ao longo da Bíblia, diferenciando-se de outras áreas da teologia que se organizam em torno de temas fixos.

Zuck (2009), argumenta que a teologia bíblica não se preocupa em criar uma lista de doutrinas isoladas. Em vez disso, ela estuda como a compreensão de Deus, da humanidade e do plano de salvação se desdobra historicamente nos livros da Bíblia. Ela destaca que a Bíblia, apesar de ser uma coleção de 66 livros escritos por diversos autores em épocas diferentes, tem uma unidade coerente.

O Antigo Testamento aponta para o Novo Testamento, e o Novo Testamento revela o cumprimento das promessas e profecias do Antigo Testamento.

Embora sejam distintas, a teologia bíblica e a teologia sistemática se complementam. A teologia bíblica fornece o “cimento” histórico e progressivo, mostrando como as doutrinas se desenvolveram. Já a teologia sistemática organiza essas doutrinas em categorias lógicas (como a doutrina de Deus, a doutrina do homem, etc.).

Zuck (2009), apud Eugene H. Merrill, descreve a teologia bíblica como a disciplina que “traça ‘passo a passo, ao longo da Bíblia, a história da salvação, permitindo que a história assuma qualquer forma apropriada a cada dado estágio da revelação, reconhecendo como a doutrina se desenvolve à medida que a revelação progride. Ele coloca ênfase no desdobramento histórico e cronológico da revelação. Ele se concentra em como as doutrinas se desenvolvem ao longo do tempo, livro por livro ou autor por autor, sem impor uma estrutura temática única.

Kaiser (2011), por outro lado, propõe que o centro unificador da teologia bíblica é o “plano da promessa”. Para ele, a disciplina se diferencia da teologia sistemática porque ela busca rastrear esse plano redentor ao longo da história bíblica, desde as primeiras promessas a Eva e aos patriarcas até o seu cumprimento em Cristo.



2. TEOLOGIA BÍBLICA DO NOVO TESTAMENTO - ROY ZUCK

A seção dedicada à teologia de Marcos, elaborada por David K. Lowery no livro de Roy B. Zuck oferece uma cristologia (estudo sobre a pessoa de Cristo) centrada na humilhação e serviço de Jesus. Lowery argumenta que o Evangelho de Marcos, frequentemente percebido como um sumário dos outros Evangelhos, na realidade constitui a primeira narrativa canônica sobre a vida de Cristo, apresentando uma perspectiva singular e direta.

A abordagem de Marcos é caracterizada pelo retrato “ousado e inegável” da humanidade de Jesus. O ponto focal da mensagem do evangelista, conforme a análise do livro, reside no tema do Filho do Homem que veio para servir e entregar sua vida em resgate por muitos (Mc 10:45). Essa ênfase no sacrifício de Jesus como um ato de serviço ressalta a natureza humilde e salvífica de sua missão.

Além disso, a obra destaca a representação dos discípulos em Marcos. Eles são retratados de forma falível, com suas fraquezas e fracassos abertamente expostos. Essa estratégia literária serve para que o leitor se identifique com eles e compreenda que a confiança não deve ser depositada na própria capacidade humana, mas sim na soberania divina.

Com base na análise de David K. Lowery na obra de Roy B. Zuck, a expressão “Filho do Homem” é vista como um dos pilares da cristologia de Marcos e possui uma complexidade teológica que merece ser detalhada.

O autor entende que Jesus, ao usar esse título para se autodenominar, o faz com uma carga de significado que se

desdobra em três dimensões cruciais, as quais conectam sua identidade, sua missão e seu destino.

2.1 A AUTORIDADE DO FILHO DO HOMEM

No primeiro contexto, a expressão “Filho do Homem” está ligada à autoridade de Jesus na Terra. O ponto de partida é o incidente em que Jesus perdoa os pecados do paralítico (Mc 2:10). Ao reivindicar o poder de perdoar pecados, Jesus se apresenta como o Filho do Homem, demonstrando uma autoridade que, biblicamente, pertence somente a Deus.

A interpretação de Lowery (apud ZUCK, 2009) é que este uso do título estabelece Jesus como um agente divino, com poder para agir na esfera da salvação, algo que transcende a mera atuação de um profeta ou mestre.

2.2 O SOFRIMENTO E A MORTE DO FILHO DO HOMEM

A segunda dimensão, e talvez a mais central na teologia de Marcos, é o uso do título “Filho do Homem” para prever o sofrimento e a morte de Jesus. Em passagens como Marcos 8:31 e 9:31, Jesus anuncia repetidamente que o Filho do Homem “deve sofrer muitas coisas, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos mestres da Lei, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar”. O autor argumenta que esta é a inovação mais radical na teologia de Marcos: o Messias não é apenas um rei glorioso e conquistador, mas um ser que cumpre sua missão através da humilhação e da morte sacrificial.



2.3 A GLÓRIA E A VINDA DO FILHO DO HOMEM

Por fim, o terceiro uso da expressão aponta para a gloriosa vinda futura de Jesus (Mc 13:26). Após o caminho de sofrimento e morte, o Filho do Homem é o juiz escatológico que retornará em poder e glória para estabelecer seu Reino. Este aspecto do título, segundo a análise, liga a humilhação do presente com a exaltação futura, garantindo que o sacrifício de Jesus não foi em vão.

Em resumo, o livro de Zuck(2009) entende que a expressão “Filho do Homem” em Marcos não se limita a um único significado, mas é um conceito dinâmico que revela a natureza de Jesus em sua totalidade: ele é o agente divino que tem poder para perdoar, o servo que sofre e morre, e o juiz que retorna em glória. A teologia de Marcos, portanto, é construída sobre essa visão de um Messias paradoxal, cuja autoridade é plenamente revelada no caminho do serviço e do sofrimento.

3. TEOLOGIA BÍBLICA DO NOVO TESTAMENTO - I. HOWARD MARSHALL

Segundo I. Howard Marshall, a apresentação de Cristo neste evangelho é marcada por um dinamismo próprio, em que a identidade messiânica de Jesus é revelada progressivamente, sendo compreendida apenas à luz da cruz e da ressurreição. O enfoque marcano, portanto, não é apenas narrativo, mas profundamente teológico, direcionando o leitor para o reconhecimento de Jesus como o Filho de Deus.

O autor observa que Marcos apresenta Jesus como o Cristo prometido, mas cuja identidade messiânica é mal compreendida por diferentes grupos: discípulos, multidão e autoridades religiosas. Tal incompreensão não é casual, mas parte do enredo teológico que conduz ao reconhecimento pleno de sua missão somente após os acontecimentos pascais.

Um elemento característico do Evangelho de Marcos é o chamado “*segredo messiânico*”, em que Jesus ordena silêncio sobre sua identidade e seus milagres (cf. Mc 1.34; 3.12; 8.30). Na perspectiva de Marshall, esta estratégia narrativa indica que a messianidade de Jesus não pode ser reduzida a expectativas políticas-nacionais, mas só se compreende em relação ao mistério da cruz.

Outro título marcante destacado é o de Filho do Homem, que em Marcos tem dupla dimensão: (a) presente, ao afirmar sua autoridade para perdoar pecados e exercer senhorio sobre o sábado (Mc 2.10, 28); e (b) futura, ao anunciar seu sofrimento, morte e subsequente vindicação escatológica (Mc 8.31; 9.31; 10.33-34). O título, assim, articula poder e sofrimento de forma inseparável.

A cristologia marcana enfatiza a figura de Jesus como o Servo que sofre em obediência à vontade de Deus. Marshall sublinha que a paixão não constitui um acidente ou fracasso, mas é central ao plano divino de redenção. Nesse sentido, o discipulado também é definido pelo caminho da cruz (Mc 8.34-35), de modo que a identidade de Jesus ilumina a vocação de seus seguidores.

O Evangelho é moldado de forma a conduzir o leitor à confissão da identidade filial de Jesus. Desde a abertura



programática (“Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”, Mc 1.1) até a declaração do centurião romano ao pé da cruz (Mc 15.39), Marcos apresenta a revelação paradoxal de que Jesus é reconhecido como Filho de Deus precisamente em sua morte. Este é o ponto alto da teologia marcana, de acordo com a visão do autor.

A análise de Marshall evidencia que, em Marcos, Jesus é o Messias e Filho de Deus cuja missão se realiza no caminho do sofrimento, culminando na cruz e na ressurreição. A narrativa marcana desconstrói expectativas meramente triunfalistas, revelando que a glória de Cristo é inseparável de sua entrega sacrificial. Assim, o evangelho apresenta uma cristologia paradoxal, em que poder e fraqueza, glória e cruz, convergem na identidade do Filho de Deus.

3.1 AUTORIDADE DO FILHO DO HOMEM

Marshall (2007) aborda o Evangelho de Marcos com ênfase na narrativa teológica e na progressividade da revelação da identidade de Jesus. Para Marshall, a singularidade de Marcos reside na forma como a divindade e a humanidade de Cristo são reveladas por meio de uma estratégia intencional: o segredo Messiânico. O autor não trata a autoridade de Jesus como meramente o poder de um profeta carismático; ele a entende como uma prerrogativa messiânica e divina, a primeira fase de revelação da sua identidade no Evangelho de Marcos.

Autoridade sobre o Pecado (Mc 2.10): A principal evidência dessa autoridade é a reivindicação de perdoar pecados. Para Marshall, o ato de perdoar é uma ação que, na

teologia judaica, pertence exclusivamente a Deus. Ao usar o título Filho do Homem para justificar essa ação, Jesus não apenas demonstra seu poder, mas também insere a sua messianidade na esfera da redenção espiritual, e não apenas física. Ele mostra que o objetivo de sua vinda transcende a cura corporal e foca na reconciliação.

Autoridade sobre a Lei (Mc 2.28): A declaração de que o Filho do Homem é Senhor até do Sábado é, para Marshall, um ato de autoridade legislativa. Isso posiciona Jesus acima das interpretações restritivas da Lei Mosaica e das tradições humanas. O sábado, que era o sinal mais distintivo da aliança judaica, é colocado sob o domínio do Messias, reforçando sua soberania. O argumento de Marshall é que Marcos deliberadamente coloca as ações de autoridade (milagres e ensino) em contraste com a sua natureza oculta. Essa Autoridade, se fosse plenamente entendida como a de um Messias triunfal, teria provocado a revolta popular e a condenação imediata pelas autoridades antes do tempo. Em resumo, a Autoridade do Filho do Homem é o pilar teológico que fundamenta a divindade de Jesus em sua missão terrena e que, simultaneamente, prepara o leitor (e os discípulos) para o choque do sofrimento.

3.2 SOFRIMENTO E MORTE

Para I. Howard Marshall, a centralidade do Evangelho de Marcos reside no desvio intencional da narrativa, da glória e do poder (dimensão da Autoridade) para a inevitabilidade da Paixão. O sofrimento do Filho do Homem não é um erro ou um revés, mas o cumprimento sacrificial da vontade divina.



O autor enfatiza o momento em que Jesus começa a fazer os Anúncios da Paixão (a partir de Marcos 8:31), que se torna o eixo estrutural do restante do Evangelho. Obrigação Divina: A palavra-chave para Marshall é o verbo grego que implica o “deve” (ou “é necessário”) que o Filho do Homem sofra. Isso estabelece que o sofrimento e a morte não são acidentais, mas sim uma obrigação messiânica, predeterminada no plano de Deus. O sofrimento é detalhado como sendo a rejeição pelas autoridades religiosas (anciãos, principais sacerdotes e escribas) e a consequente morte. Essa rejeição humana é o que sela o cumprimento profético do Messias Sofredor. O sofrimento, na análise de Marshall, serve para redefinir o que significa ser o Messias para os discípulos e para o leitor. Serviço como Propósito Final (Mc 10.45): A afirmação de Jesus de que o Filho do Homem “não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” é o resumo cristológico para Marshall. Essa passagem conecta o sofrimento à missão de resgate, definindo-o como um ato substitutivo e redentor.

O serviço se torna a manifestação final e plena da autoridade que ele possui. A Incompreensão do Discipulado: Marshall nota que, após os anúncios da Paixão, os discípulos demonstram grande incompreensão (Mc 8.32-33; 9.32; 10.35-45). Eles tentam dissuadi-lo (Pedro) ou buscam a glória e o poder (Tiago e João). Essa falha dos discípulos ressalta, por contraste, a exclusividade e a radicalidade do caminho do sofrimento para Jesus, e a dificuldade de aceitar o modelo do Messias Servo.

No entendimento do autor, o ápice da teologia de Marcos ocorre na cruz, pois é o sofrimento que revela a

identidade plena de Jesus. O Cenário Inverso: A confissão do centurião romano ao pé da cruz: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus” (Mc 15.39) é o clímax da narrativa. Marshall destaca que esta confissão, feita por um gentio, não ocorre durante um milagre de poder (Autoridade), mas sim no momento da maior humilhação e morte de Jesus (Sofrimento). A teologia de Marshall sustenta que a Cruz é o lugar onde o Mistério Messiânico é finalmente desvendado: a filiação divina só pode ser entendida plenamente através do sacrifício do Filho do Homem.

3.3 GLÓRIA E VINDA

55

Segundo Marshall (2007), a dimensão da Glória e Vinda estabelece a soberania final de Jesus e encerra o paradoxo do Messias Servo. Esta dimensão assegura ao leitor que o sofrimento e a morte não representam um fracasso, mas sim o caminho necessário para a exaltação. O autor, trata a glória como o futuro inquestionável de Jesus, que serve como uma garantia para os seus seguidores.

Vindicação Escatológica. O Evangelho de Marcos, especialmente nos discursos apocalípticos (Capítulo 13) e perante o Sinédrio (Capítulo 14), aponta para o retorno do Filho do Homem com grande poder e glória (Mc 13.26). Marshall entende que essa glória é a vindicação divina que reverte a humilhação da cruz. O Jesus que foi rejeitado e morto voltará como o juiz supremo.

Transfiguração como Antecipação. Embora o ponto central seja a Cruz, Marshall também observa a Transfiguração (Mc 9) como um vislumbre antecipado da Glória. Esse evento serve como uma confirmação divina da



identidade de Jesus como o Messias (Filho Amado), dando aos discípulos um pequeno insight da majestade que os aguardava, fortalecendo-os para o inevitável caminho da Paixão.

O principal argumento de Marshall é a interligação das três dimensões, a Glória é o Sentido do Sofrimento: A certeza da vinda gloriosa confere sentido redentor à morte sacrificial (Sofrimento). A Glória não é apenas um evento futuro, mas a prova retroativa de que o sofrimento foi a forma correta de exercer a Autoridade.

O Juiz é o Servo: A figura do Filho do Homem que retorna em poder e glória (Juiz) é inseparável daquele que se fez servo e deu a sua vida (Mc 10.45). Essa unidade assegura que a autoridade final será exercida por aquele que conhece o caminho da obediência e da entrega.

Marshall conclui que a ênfase na Glória e Vinda tem um impacto direto no discipulado em Marcos. Os discípulos são chamados a seguir o caminho do sofrimento (Mc 8.34) com a promessa de que a recompensa da glória está reservada (Mc 8.35). O discipulado é viver no presente o paradoxo do Messias, abrindo mão da glória presente em troca da vindicação futura.

3.4. ANÁLISE DA LITERATURA

O estudo analítico do Evangelho de Marcos, à luz das leituras de I. Howard Marshall e Roy B. Zuck (via Lowery), revela uma convergência teológica fundamental: ambos os autores concordam que a identidade messiânica de Jesus é inseparável das três dimensões do título Filho do Homem: Autoridade, Sofrimento/Morte e Glória/Vinda. Essa

estrutura tripartida é o veículo pelo qual Marcos subverte as expectativas messiânicas triunfalistas.

Lowery enquadra a Autoridade como a primeira das três categorias, o ponto de partida lógico da missão de Jesus. Em contraste, Marshall insiste na qualidade divina e controlada dessa Autoridade.

Marshall utiliza passagens como Marcos 2.10 (“o Filho do Homem tem na terra autoridade para perdoar pecados”) para argumentar que esta dimensão presente estabelece uma prerrogativa que só pertence a Deus, desafiando a lei e a tradição. O uso do título de forma deliberadamente ambígua é um dispositivo de Marshall para proteger essa autoridade de interpretações político-militares, permitindo que a narrativa avance para o sofrimento. O ponto de maior convergência é a centralidade do sofrimento. Ambos sustentam que a Paixão é o eixo definidor da Cristologia em Marcos.

Concordância no “Deve Sofrer”: Marshall e Lowery concordam que a palavra-chave é a necessidade divina do sofrimento (o “deve sofrer” de Mc 8.31), estabelecendo a morte como um cumprimento intencional e não um acidente.

A ênfase final de Marshall no serviço e no resgate (“não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”, Mc 10.45) solidifica a tese do Messias Servo. O sofrimento, neste contexto, é a prova de que a autoridade (dimensão 1) foi usada para um propósito sacrificial (dimensão 2), e não para o poder mundano.

3.5 APLICAÇÃO

A cristologia do Evangelho de Marcos manifesta-se de forma grandiosa, definindo Jesus como o Servo Sofredor, cuja missão é servir e entregar a vida em resgate por muitos



(Mc 10:45). A profundidade teológica da expressão “Filho do Homem”, título que suscitava espanto no contexto judaico do primeiro século, exige uma reavaliação na contemporaneidade. A autoridade inerente ao Filho do Homem permanece plena sobre o pecado e sobre todas as esferas da existência humana e eclesiástica.

Para a Igreja contemporânea, a relevância desse modelo é primariamente corretiva e ética. O Evangelho de Marcos confronta diretamente a mentalidade triunfalista, que busca o poder, o sucesso material ou a visibilidade terrena como evidências de bênção divina. Ao reafirmar o discipulado sacrificial (Mc 8:34) como modelo de vida essencial, a narrativa marcana redefine o conceito de liderança eclesiástica, deslocando-o da hierarquia ou domínio para a humildade e a renúncia (Mc 10:43-44). Desta forma, o Evangelho garante que a missão da Igreja seja pautada pela imitação do Cristo que sofreu, servindo como um antídoto ético contra a instrumentalização da fé e o secularismo do poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação propôs-se a analisar a Cristologia do Evangelho de Marcos, focando na figura de Jesus como o Messias Servo, através do diálogo entre as perspectivas de Roy B. Zuck e I. Howard Marshall. O objetivo de confrontar as leituras desses teólogos foi plenamente alcançado, resultando na confirmação do paradoxo como o núcleo teológico do Evangelho Marciano.

O estudo demonstrou que a identidade de Jesus é revelada pelo título Filho do Homem em três dimensões inseparáveis: Autoridade, Sofrimento e Glória. A análise de

Lowery (apud Zuck) forneceu a estrutura categórica dessas dimensões, enquanto Marshall ofereceu a profundidade narrativa, inserindo-as no contexto do Segredo Messiânico e da progressividade da revelação.

O confronto revelou a seguinte síntese:

1. A Autoridade do Filho do Homem (Mc 2.10, 28) é tratada por Marshall como uma prerrogativa divina, exercida na Terra, que deve ser controlada para evitar desvios políticos, preparando a narrativa para o verdadeiro clímax.

2. O sofrimento e a Morte são o eixo definidor. O acordo entre os autores sobre o “deve sofrer” (Mc 8.31) e o propósito sacrificial do serviço (Mc 10.45) solidifica a tese de que a humilhação é o caminho para a exaltação, redefinindo o Messias como Servo.

3. A Glória e a Vinda (Mc 13.26) atuam como vindicação escatológica, garantindo que o sofrimento não é um fracasso, mas o cumprimento necessário do plano de Deus.

Em última análise, a contribuição central desta pesquisa é reforçar que o Evangelho de Marcos intencionalmente desmantela as expectativas de um Messias triunfalista, apresentando a Cruz como o ponto onde o Mistério Messiânico é plenamente desvendado (Mc 15.39).

A Cristologia do Messias Servo estabelece um modelo para o discipulado que é igualmente paradoxal: a autoridade cristã não é encontrada no poder ou no domínio, mas na renúncia e no serviço sacrificial (Mc 8.34). Assim, o Evangelho de Marcos convoca seus leitores a seguirem



o Messias que usou sua autoridade para servir e morrer, vivendo no presente a promessa da glória futura.

Conclui-se que o retrato de Jesus, segundo Marcos e a luz das análises de Zuck e Marshall, não é apenas um registro histórico, mas uma teologia funcional que exige uma resposta de vida: a aceitação de que o caminho para o reino passa pela cruz.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. **Novo dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Vida, 2009.

APOLINÁRIO, F. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

BOCK, Darrell L.; KOMOSZWESKI, J. (Ed.). **O Jesus histórico: critérios e contextos no estudo das origens cristãs**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

BRUCE, F. F. **Merece confiança o Novo Testamento?** 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

FANNING, Buist M. Hebrews. In: BATEMAN IV, Herbert W. (ed.). **Four Views on the Warning Passages in Hebrews**. Grand Rapids: Kregel Publications, 2007. p. 129–172.

GAFFIN, Richard B., Jr. **The centrality of the Resurrection: a study in Paul's soteriology**. Grand Rapids: Baker Book House, 1978.

GUNDRY, Robert H. **A Survey of the New Testament**. 4. ed. Grand Rapids: Zondervan Academic, 2003.

GUNNEWEG, Antonius H. J. **Teologia bíblica do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HENDRIKSEN, William. **O Evangelho de João**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

KAISER, Walter C. Jr. **O plano da promessa de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

KNOHL, Israel. **O Messias antes de Jesus**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

MARSHALL, I. Howard. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MERRILL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

ORTBERG, John. **Quem é este homem?** São Paulo: Vida, 2014.

RICHARDS, Lawrence O. **Comentário histórico-cultural do Novo Testamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

TOGNINI, Enéas; BENTES, João Marques. **Janelas para o Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2009.

WRIGHT, N. T. **Jesus and the Victory of God**. Christian Origins and the Question of God, v. 2. Minneapolis: Fortress Press, 1996.

VAN VORST, Robert E. **Jesus fora do Novo Testamento: uma introdução às evidências primitivas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Teológica, 2022.

VOS, Geerhardus. **Teologia bíblica do Antigo e do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

ZUCK, Roy B. **Teologia bíblica do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

